



ABEH

Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História

Um espaço para partilharmos ideias e experiências: *Chão da História*

Arnaldo Pinto Junior¹

André Victor Cavalcanti Seal da Cunha²

*Criar meu web site
Fazer minha home-page
Com quantos gigabytes
Se faz uma jangada
Um barco que veleje*

*Que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve um oriki do meu velho orixá
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé*

*Um barco que veleje nesse infomar
Que aproveite a vazante da infomaré
Que leve meu e-mail até Calcutá
Depois de um hot-link
Num site de Helsinque
Para abastecer*

*Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut*

(Gilberto Gil, *Pela Internet*, 1997)

Gravada originalmente em 1996 e lançada no álbum *Quanta* no ano seguinte, as belas música e letra de Gilberto Gil embalam seus fãs desde aquela época. Quem conhece sabe: o ritmo contagiante da música é um convite para dançar. As estrofes selecionadas, inseridas como a epígrafe acima, são o ponto de partida para nosso diálogo com as leitoras e os leitores, pessoas que velejam com seus computadores, tablets ou smartphones por web sites do imenso “infomar”.

Antes de tratarmos do tema central deste texto, gostaríamos de comentar brevemente algumas especificidades da canção de Gilberto Gil. Segundo entrevistas concedidas pelo artista no período de seu lançamento, *Pela Internet* seria uma homenagem ao músico e compositor Ernesto Joaquim Maria dos Santos, mais conhecido como Donga, que em 1916 gravou *Pelo Telefone*, considerada a primeira produção musical do gênero samba. Fazendo alusões à música de Donga, Gil adaptou trechos da

¹ Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: apjfe@unicamp.br

² Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: andreseal@uern.br

letra atualizando o contexto para a então moderníssima rede mundial de computadores. Por sinal, uma linda homenagem a um dos mais importantes representantes da velha guarda do samba brasileiro.

Sem a pretensão de contar ou analisar a história da música de nosso país, nós, admiradores de Donga e Gilberto Gil, tomamos como inspiração a ideia da comunicação que perpassa as duas canções. Seja em 1916 ou em 1996, pelo telefone ou pela internet, os meios de comunicação podem aproximar pessoas, diminuir distâncias, promover encontros, fortalecer sentimentos, a que pese nos últimos tempos as manifestações públicas nada salutares de intolerância, ódio e racismo.

A coluna *Chão da História* foi criada com o intuito de estabelecer hiperlinks entre os textos publicados em seu espaço na revista *Palavras ABEHrtas* e o programa homônimo que é exibido no canal da Associação Brasileira de Pesquisa em Ensino de História (ABEH) no YouTube. Hiperlinks que também possibilitam a aproximação de pessoas interessadas no ensino de História, na formação de docentes na área de História, nos currículos, nas avaliações etc. Enfim, esta coluna entra na rede para promover debates, juntar tletes (ou não) de Gilberto Gil, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Alcione, Chico Buarque e tantas outras figuras talentosas que valorizam a coisa pública, que respeitam princípios democráticos, a pluralidade e a diversidade sociocultural.

Nesse sentido, abrimos aqui um espaço que tem a potencialidade de agregar pessoas, formar novos grupos de discussão, constituir projetos coletivos. Além disso, esta coluna se caracteriza como outra interface digital que tanto serve à socialização das reflexões apresentadas no programa *Chão da História* quanto à divulgação de análises por parte dos profissionais da educação em geral que podem articular concepções de educação, experiências curriculares e o ensino de História em suas produções textuais.

Tais intenções também motivaram a organização do grupo responsável pela produção do programa *Chão da História* no canal da ABEH no YouTube. Mas quando esse grupo começou a trabalhar? Quem são os integrantes desse grupo? Como foram escolhidas as pessoas, os temas abordados etc.? Sem querer desviar o foco deste texto, apresentaremos um relato sintético da trajetória do *Chão da História* até o presente momento.

O referido programa foi pensado a partir de uma comissão encarregada de problematizar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de História. Esta comissão foi designada na Assembleia Geral da ABEH, ocorrida no dia 20 de novembro de 2020, quando do encerramento do XI Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História.

Os trabalhos dessa comissão foram iniciados no mês de dezembro do mesmo ano, com reuniões nas quais as pessoas interessadas se prontificaram a fomentar o debate sobre a BNCC. Dentre essas pessoas, um grupo manifestou a ideia de produzir e exibir um programa que focalizasse o documento em tela em episódios que teriam a participação de professores do Ensino Superior e da Educação Básica. Junto com outros dois subgrupos formados na comissão (o primeiro que ficou responsável pela produção escrita de uma análise propositiva da BNCC de História³ e o segundo que se encarregou da organização de um webinar⁴), os integrantes desse subgrupo buscaram fomentar as discussões em encontros transmitidos pelo canal da ABEH, convidando especialistas e profissionais da educação básica de diferentes regiões do país e com distintas experiências relativas aos temas abordados.

As reuniões de trabalho foram intensas entre os meses de janeiro e fevereiro de 2021, contando com a presença dos seguintes professores: André Victor Cavalcanti Seal da Cunha (UERN), Arnaldo Martin Szlachta Junior (UFPE), Arnaldo Pinto Junior (UNICAMP), Jean Carlos Moreno (UENP), Matheus Mendanha Cruz (Secretaria de Estado da Educação / SC), Rosiane Ribeiro Bechler (UFVJM), Vitória Azevedo da Fonseca (UFVJM) e Wilian Junior Bonete (UEMG). Os oito integrantes iniciais da equipe pensaram coletivamente desde o formato do programa, a elaboração das pautas, os nomes dos convidados até uma logomarca, estratégias de divulgação e critérios de avaliação dos episódios.

Depois de inúmeras reuniões marcadas pelo compartilhamento de ideias, consensos e dissensos, faltava o nome. A difícil tarefa de encontrar uma denominação adequada ao programa teve um desfecho com a proposta do professor Arnaldo Martin Szlachta Junior: *Chão da História*.

Mas por que o *Chão da História*? Por mais que quiséssemos, não teríamos condições de comentar em poucas páginas todas as relações suscitadas pela equipe no momento da definição, muito menos daríamos conta das interpretações que outros sujeitos podem construir sobre a referida denominação. No entanto, devemos apresentar algumas ideias para nossos leitores. Seu mote está ancorado na compreensão do “chão”

³ O subgrupo trabalha com um cronograma de reuniões mensais desde dezembro de 2020, prevendo a entrega da análise propositiva para o mês de outubro de 2021.

⁴ Trata-se do *Webinário A BNCC de História: entre prescrições e práticas*, realizado entre os dias 5 e 14 de maio de 2021. Este evento contou com seis mesas temáticas e painéis de experiência nos quais estudantes, professoras e professores relataram práticas de ensino ou apresentaram suas visões educacionais. As referidas mesas e painéis estão disponíveis no canal da ABEH no YouTube: <https://www.youtube.com/channel/UCkZC0sQIDJXQRSGDDuMukg>.

como ponto de partida, como ponto de observação para aqueles que ocupam um determinado lugar. Nos referimos também a “chão” como tomada de posição no qual experiências são vividas coletivamente.

Se lembrarmos, por exemplo, do chão da fábrica teremos duas formas clássicas de abordagem na teoria da administração. O chão para o fordismo é um mero campo de aplicação das decisões tomadas em outras esferas. É um campo vazio de significados, de experiências, de saberes. O toyotismo apresenta uma outra proposta: reconhece os operários como portadores de saberes profissionais muito importantes, pois esses foram engendrados na labuta diária, nas experiências vividas no fazer do ofício. Se reconhece, assim, o chão da fábrica como esfera produtora de conhecimentos. Esses são reconhecidos e valorizados na esfera produtiva. Não obstante, os saberes criativos dos operários dentro dessa perspectiva toyotista são principalmente apropriados a serviço da empresa. Portanto, nas duas abordagens vemos uma instrumentalização desse chão.

Nossa compreensão do *Chão da História* pretende ser bem outra. Sabemos que as salas de aula são espaços de criação. Entendemos a dimensão criativa e criadora das práticas pedagógicas. Mas não queremos instrumentalizar esses saberes. Ao contrário, queremos formar com eles espaço de encontro, de escuta atenta, de verdadeira interlocução. Buscamos trazer à visibilidade a dimensão do vivido. Não queremos lançar luz, pois acreditamos que esse movimento assume uma posição em dimensão de pretensa superioridade. Queremos sujar as mãos na terra, no chão das experiências vividas socialmente. Consideramos que estas representam o que realmente importa, sejam elas experiências históricas ou docentes. Nosso chão é o da escola e do ensino de História. Chão como base, como ponto de referência, como espaço no qual acontecem as vidas de professoras e professores. Também como ponto de vista, pois é do chão da escola e da história, cenários onde acontecem as experiências escolares que queremos dialogar sobre a BNCC. Partiremos, assim, desse chão, mas manteremos os olhos no horizonte das utopias que alimentam nossa perspectiva emancipatória.

Com essa perspectiva foram produzidas duas temporadas do programa compostas por três episódios cada. A primeira foi mediada pelo professor Jean Moreno e pela professora Rosiane Bechler, tendo como temas centrais o eurocentrismo, a história e cultura afro-brasileiras nas escolas e narrativas sobre os povos originários. As convidadas e os convidados foram representantes da Educação Básica e do Ensino Superior que trouxeram instigantes reflexões sobre as formas de construção do pensamento histórico, tanto na escola quanto na academia.

A segunda temporada foi dedicada à reflexão acerca das relações entre a BNCC e o processo avaliativo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Nela, tivemos na função de mediação a professora Rosiane Bechler e do professor Wilian Junior Bonete. Nossos convidados e convidadas foram docentes que atuaram no PNLD na condição de avaliadores de obras didáticas, bem como na coordenação pedagógica adjunto do programa. Os debates giraram em torno das memórias acerca do processo avaliativo, cuja atuação em alguns casos se iniciou em 2005. Mas também foram debatidas políticas educacionais recentes, focando-se nas duas últimas edições. Estas já contavam com configurações de livros adequados ao “Novo Ensino Médio”.

Considerando as temporadas produzidas e as demais ideias expostas, esta coluna pretende ser mais um espaço destinado à partilha de ideias e experiências, contando com a participação das pessoas que pretendem contribuir para o debate educacional brasileiro e as questões que envolvem particularmente o ensino de História. Espaço no qual todos estão convidados para manifestar suas opiniões e concepções sobre educação, currículo e a História ensinada nas escolas.